



isto é inconfidência

BOLETIM INFORMATIVO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

ANO X • Nº 22 • 2008

A mulher no Museu da Inconfidência



páginas 4 e 5

editorial

A situação da mulher, desfavorável no Brasil do século XVIII como em todo o mundo, via-se extremamente agravada na região das minas. Tornada atração irresistível, a mineração atraía incontáveis levas de indivíduos procedentes de todas as partes da Colônia e do Reino, que chegavam ávidos, dominados pela ambição do enriquecimento fácil. Homens, na maioria, apareciam já com a abdicação de princípios fundamentais de comportamento, seja porque o ambiente de primitivismo inspirava todo tipo de liberdade, seja porque a sobrevivência naquelas paragens não deixava de ser, e muito, uma questão de audácia e de apropriação.

Na rua, tornada domínio absoluto de aventureiros, mulheres de costumes nada exigentes, na maioria negras e índias, disputavam espaço como podiam, mas a virtuosa dona de casa e suas filhas se mantinham no recato das residências, reclusas por trás de treliças, a despejarem olhares filtrados para fora. Buscando preservar a honra da família, marido, pai filhos e irmãos as mantinham sob rigoroso controle. A ida à igreja aos domingos era permitida e essa precária conquista - ou limitado relaxamento de prisão - elas tratavam de estender até o limite do possível. A oportunidade de assistir à missa pela manhã convertia-se em oportunidade de, acomodadas no piso da nave - ainda não estavam na época em que começara a existir bancos para assento dentro dos templos - só retornavam a casa à noite, quando se encerrava o último ofício da reza. Representantes do sexo masculino transitavam esgueirados pelas portas, em busca de flertes, que aconteciam. Em conseqüência, os leques entravam em cena, com sua linguagem codificada, para secretas combinações. Espancamentos e mortes ocorreram.

No avançar do século XIX, houve progressos sem dúvida. A presença da cadeirinha de arruar ou serpentina, instrumento de transporte urbano conduzido em ombros de escravos, para conforto e elegância de grandes damas, que ao mesmo tempo se escondiam e se mostravam manipulando cortinas, constituía marca de momentos de descontração de uma sociedade que havia conquistado novos foros de civilização. Isso graças a certa acumulação de riqueza, que promovendo um ainda precário alargamento das possibilidades de circulação, educação e informação, de qualquer forma promovia o aprimoramento dos costumes. O comportamento e a maneira de vida da mulher solteira a essa altura encontravam-se sensivelmente modificados. E podemos imaginar o que daí para a frente, nesse sentido, iria representar a chegada de D. João VI, acompanhado de numerosa corte de modernos, exigentes e requintados hábitos europeus. Também as medidas administrativas de largo alcance então tomadas que, rompendo com amarras impostas pelo colonizador, nos colocaram em regime de trocas comerciais - e por conseqüência, de costumes -, com um mundo bem mais largo do que o representado pela Metrópole.

Capa:

CADEIRINHA DE ARRUAR

isto é inconfidência

ANO X • Nº 22 • 2008

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Cultura

Juca Ferreira

Presidente do Instituto do Patrimônio

Histórico e Artístico Nacional

Luiz Fernando de Almeida

Departamento de Museus e Centros Culturais do IPHAN

José do Nascimento Júnior

Diretor do Museu da Inconfidência

Rui Mourão

Publicação do

MinC - IPHAN - Museu da Inconfidência

Praça Tiradentes, 139 • Cep 35400-000

Ouro Preto • Minas Gerais • Brasil

Fone fax (31) 3551 1121 e 3551 5233

inconfidencia@veloxmail.com.br

Tiragem:
1500 exemplares

Periodicidade:
Trimestral

Projeto Gráfico
Laís Freire dos Reis

Editor
Rui Mourão



Ministério
da Cultura **BROS**
GOVERNO FEDERAL



DEPARTAMENTO DE MUSEUS E CENTROS CULTURAIS

Não se sabe a data exata, mas num dia de 1820 o pintor, desenhista e gravador francês Arnaud Julien Pallière sentou-se no paredão do bairro das Lages para registrar o panorama urbano do centro de Vila Rica. Estava vestido à moda européia. Casaca escura, camisa branca de gola alta, calças também brancas, cartola e botas pretas. Apoiava a tela sobre as pernas. Às suas costas um assistente segurava uma sombrinha de aspecto oriental que o protegia do sol.

As Lages ficam no caminho que liga Ouro Preto a Mariana. Pallière se destacava em meio às pessoas que transitavam por ali: um homem descalço, de chapéu de palha e camisa branca que conduzia um burro; um soldado com uniforme no estilo daqueles das guerras napoleônicas, montado num cavalo branco. A poucos metros do pintor, do lado oposto da rua, escravos trabalhavam. Perto deles, uma mulher portando uma sombrinha parecida com a do francês.

Essa cena não é exercício de imaginação. Ela pode ser vista no canto inferior direito da tela de Pallière *Vila Rica*, hoje no Museu da Inconfidência. A obra é um dos primeiros e mais precisos registros visuais do maior centro urbano do interior brasileiro no período colonial.

Pallière chegou ao Brasil em 1817, aos 33 anos, no mesmo navio que trouxe a princesa austríaca Leopoldina de Habsburgo. Só

Mudanças e Permanências

Registro visual minucioso, *Vila Rica* é uma preciosidade. Permite a análise das feições da Ouro Preto colonial e das mudanças desse cenário com o passar dos anos. À primeira vista, as permanências são mais perceptíveis. Os grandes prédios e o traçado das ruas que caracterizam o conjunto da atual Praça Tiradentes com seus arredores praticamente não mudaram. A Casa de Câmara e Cadeia, hoje Museu da Inconfidência, as igrejas das Ordens Terceiras do Carmo e de São Francisco de Assis e os casarões denominados “Conjunto Alpoim” ainda se apresentam como foram vistos por Pallière. Também não sofreu alterações significativas a residência do poeta e inconfidente Cláudio Manoel da Costa. Contudo, no início do século XIX, esses edifícios eram um pouco diferentes.

Olhando o quadro de perto, é possível enxergar as traves estruturais para a construção da fachada posterior da Casa de Câmara e Cadeia. Uma aquarela de Thomas Ender, contemporânea do quadro de Pallière, mostra o edifício de outro ângulo, com as costas abertas. Já as igrejas não tinham a decoração interior concluída. Nos anos 1820, Manoel da Costa Athaide planejaria uma pintura para o forro da igreja da Ordem Terceira do Carmo nos moldes da que executara poucos anos antes em São Francisco de Assis, mas o projeto nunca saiu do papel e o forro só foi pintado na virada do século. Este último templo, por sua vez, ainda não possuía os retábulos da nave.

Vila Rica por Arnaud Julien Pallière

voltou à Europa em 1830, quando o Brasil já havia deixado de ser colônia e se transformado num império independente. Nesses 13 anos Pallière, considerado o introdutor da litografia no Brasil, trabalhou para o reino português e para o império brasileiro. Dom João VI o encarregou de registrar paisagens das capitanias do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. *Vila Rica* provavelmente é resultado dessa missão. No reinado de D. Pedro I, chefiou a engenharia do recém criado exército brasileiro quando desenhou uniformes e condecorações, além do planejamento urbano de Niterói. Também foi nomeado pintor da Imperial Câmara.

Se Pallière tivesse vindo a Vila Rica cinco anos mais tarde, os anjos que sobrevoam a capital em seu quadro estariam segurando uma tarja com a inscrição “Imperial Cidade de Ouro Preto”, ou só “Ouro Preto”. Como Vila Rica ou Ouro Preto, os viajantes que passaram pela cidade no mesmo período são unânimes em destacar a decadência da capital de Minas Gerais, que não transparece na pintura: casas velhas e abandonadas, habitadas por uma população sem perspectivas que parecia atordoada esperando a volta do ouro. Só o aparato da administração pública evitava uma desolação maior.



Revelando as pequenas mudanças, a obra de Pallière não deixa de mostrar as mais significativas. No quadro, o prédio do Palácio dos Governadores aparece com suas características originais, projetadas pelo engenheiro português José Fernandes Pinto Alpoim. O palácio foi construído na década de 1740, sob o comando do construtor Manoel Francisco Lisboa, pai de Aleijadinho. Nos anos de 1820 era mais fácil perceber a concepção defensiva do edifício. Alpoim, militar, projetara fortes no sul do país, cenário de disputas territoriais entre Portugal e Espanha. O palácio de Vila Rica também deveria ser um forte, mas para a proteção da Coroa portuguesa contra o inimigo interno, os súditos mineiros, sempre dispostos a sublevações contra a cobrança de impostos, como provam os acontecimentos de 1720 e 1789.

A curva que sai da rua do Ouvidor e chega à atual rua Bernardo de Vasconcellos também está mudada, com uma pequena capela, talvez um passo, que pode ter sido transferido posteriormente para o outro lado da rua.

Chama a atenção ainda o pelourinho em frente à igreja de São Francisco de Assis. Parece com o que existe em Mariana. A diferença é que o de lá ficava e ainda fica defronte à Casa de Câmara e Cadeia. Em Vila Rica, possuía idêntica localização. Por que, na época em que Pallière esteve na capital, havia sido transferido?

Uma visita ao Museu da Inconfidência, em Ouro Preto, a 95 km de Belo Horizonte, pode se tornar um percurso por reminiscências do passado feminino de Minas Gerais e do país. Na exposição e na reserva técnica estão objetos que revelam parte da vida das mulheres num período que vai do século XVIII ao início do século XX, ou seja, na Colônia, no Império e na República.

Moda e Privacidade

Entre essas peças, acessórios como sombrinhas, pingentes e braceletes remetem à maneira de se vestir e se adornar das mulheres em outros séculos. Um espartilho é testemunho do tempo em que elas sacrificavam o conforto e até a saúde em nome de uma cintura extremamente fina. Num daguerreótipo – técnica de impressão fotográfica que não sobreviveu por muito tempo – vê-se o retrato

cortada longitudinalmente por uma haste e carregada por dois escravos, levava dentro, sentada numa cadeira, uma senhora.

Esse meio de transporte ficou conhecido como “cadeirinha de arruar.” A palavra “arruar” significa “ir à rua” e os centros urbanos brasileiros eram o espaço onde circulavam as cadeirinhas.

Apesar de utilizada por ambos os sexos, os relatos e ilustrações de época associam as cadeirinhas ao universo feminino, principalmente ao das mulheres abastadas. Além de meio de transporte, as cadeirinhas eram instrumentos de diferenciação social e até de sedução. Quanto mais ornamentada, mais rica sua dona. Houve ordens no Rio de Janeiro para que as cadeirinhas fossem de uso exclusivo de senhoras nobres, uma vez que mulatas e negras forras ricas também a estavam adotando.

A utilização sedutora da cadeirinha é descrita em

A mulher no Museu da Inconfidência



Gravura bordada por Marília de Dirceu

de uma dama da sociedade de Ouro Preto em meados do século XIX, época em que a cidade era a capital mineira e em que muitos dos acessórios expostos no Museu da Inconfidência deviam estar na última moda.

Já a privacidade da mulher no interior das casas pode ser observada na exposição de camas com dossel ou em baús e arcas feitos para receber o enxoval de casamento. Numa vitrine, recriou-se o ambiente íntimo de um quarto de casal no século XIX.

Transporte

Durante o período colonial, e mesmo nos primeiros tempos do Império, era comum ver nos centros urbanos brasileiros a seguinte cena: uma pequena caixa



Retrato - daguerreótipo

cores vivas por uma testemunha ocular daqueles tempos, o artista francês Jean Baptiste Debret: “A cadeirinha, como o balcão, é um palco de faceirice; nela também o primeiro gesto gracioso de uma senhora brasileira consiste em agitar o leque fechado. [...] Algumas senhoras, para sua distração durante o trajeto, fecham as cortinas de um dos lados da cadeirinha, formando com habilidade, à altura dos olhos, uma pequena, mas elegante abertura, no intuito de não serem reconhecidas pelos transeuntes”.

Na exposição do Museu da Inconfidência, há um belo exemplar de cadeirinha. Datada da segunda metade do século XVIII, a peça é cuidadosamente decorada com rocalhas e pinturas representando os deuses clássicos Pã e Netuno. As hastes terminam em carrancas que mistu-

ram as feições de cobra e dragão. A última usuária dessa cadeirinha foi, por sinal, uma mulher, numa época em que as cadeirinhas já não estavam na moda. Como era paralítica, a cadeirinha a transportava até a igreja, para a missa de domingo.

Outra peça que diz respeito ao transporte da mulher, no século XIX, é o silhão, próprio para a montaria feminina. O silhão tem abertura que permite à mulher cavalgar de saia, as pernas juntas pendendo na lateral do cavalo.

Inconfidência Feminina

Criado para homenagear os participantes da Inconfidência Mineira, todos homens, o Museu da Inconfidência dedica espaço à memória de duas mulheres que acabaram sendo relacionadas com o movimento: Maria Dorotéia Joaquina de Seixas Brandão, noiva de Thomaz Antônio Gonzaga que passou à história sob o



Baú de noiva

nome Marília de Dirceu, e Bárbara Heliadora Guilhermina da Silveira, esposa de Inácio José de Alvarenga Peixoto.

Antes do Panteão, onde se encontram os restos mortais dos inconfidentes, estão as lápides de ambas. A de Marília possui cruz gravada, indicativa de sepultura. Seus restos foram trasladados para o Museu em 20 de abril de 1955. A lápide de Bárbara é apenas simbólica, ela permanece em São João del Rei, onde viveu.

Como os inconfidentes, Marília e Bárbara não deixaram de ser atingidas pela repressão portuguesa. Bárbara possivelmente de maneira mais dura. Poetisa, segundo alguns autores teria morrido louca, conseqüência de acessos de melancolia devidos à sorte do marido. Outros estu-

diosos admitem que essa alegada demência de Bárbara não passava de estratégia para a anulação de uma escritura de venda de bens.

Ao lado das lápides são exibidos dois objetos que remetem ao destino de Marília após o malogro da Conjuração. Um é o seu testamento, datado de 1853, ano de sua morte aos 86 anos. O outro é um trabalho de bordado e colagem de autoria de Maria Dorotéia, feito sobre gravura representando Maria Madalena.

Na parte inferior da peça, lê-se inscrição em francês cuja tradução é a seguinte: "O fruto de uma perfeita conversão, tal qual a de Madalena, é de chorar eternamente nossos pecados; e como nós utilizamos os membros de nossos corpos a serviço da impureza e da injustiça, para cometer iniquidade, nós os faremos, de agora em diante, servir à justiça, para nossa santificação".

Interessante é que, ao contrário do que escreveram historiadores do início do século XX e do que muitos pen-



Vitrine com adereços

sam ainda hoje, há os que afirmam que Marília de Dirceu não teria vivido como uma casta donzela a chorar eternamente a perda de um noivo revolucionário e promissor. Certamente ela nunca se casou, mas se diz que tempos depois da Inconfidência a musa de Gonzaga deu a luz a um menino, criado como filho de sua irmã.

Bárbara Heliadora também fugiu aos moldes de um casamento tradicional, o que, ao invés de exceção era prática comum na Minas do século XVIII. Aos 20 anos foi morar com Alvarenga Peixoto. Quando oficializaram a relação, já tinham uma filha crescida.

Tenda na praça

A temática proposta para a 6ª Semana Nacional de Museus foi um desafio para a discussão do importante papel dos museus na proteção à identidade, memória e ao patrimônio cultural.

Com a possibilidade de utilizar o espaço da praça junto ao chafariz para estabelecer contato mais direto com a população, o Museu da Inconfidência optou pela montagem de um Mercado Cultural, onde seria mostrado o artesanato produzido pelos distritos de Ouro Preto. Quatorze localidades convidadas puderam utilizar estandes identificadas por placas em que era apresentada a história de cada uma, com exibição de fotos. Durante dez dias houve oferta e venda de produtos que atraíram grande público. Além da distribuição de folhetos explicativos, os representantes dos distritos, orientados pela equipe de educadoras do Museu, ministraram oficinas sobre as técnicas artesanais que dominavam. Vários grupos de escolares e visitantes pré-agendados trabalharam na tenda central confeccionando bonecas de palha, bainhas, esculturas em pedra-sabão e tomando conhecimento de processos de fabricação de doces caseiros.

Na exposição montada nas paredes da tenda central, doze painéis fizeram o registro da evolução dos mercados em Ouro Preto, desde fins do século XVIII, período em que os ofícios e manifestações artísticas eram ensinados e apresentados num espaço comum, no qual se misturavam vendedores, oficineiros e artistas.

A mostra recebeu cerca de 8 mil visitantes e foi tema de pesquisa para alunos do curso de graduação em Turismo, da Universidade Federal de Ouro Preto. Além disso, grupos de alunos do ensino secundário diurno e noturno agendaram visitas orientadas às tendas dos distritos e à mostra Mercado Cultural.

A intenção de avançar para a Praça Tiradentes e levar o Museu da Inconfidência para fora de seu limite físico teve, como principal objetivo, afirmar a sua função de agente de mudança social e desenvolvimento, buscando a integração com a comunidade. A cidade ganhou ao ser posta, pela primeira vez, em contato com o conjunto da produção cultural dos distritos.

MARIA MARGARETH MONTEIRO
CHEFE DA SEÇÃO DE DIFUSÃO DO ACERVO E PROMOÇÃO CULTURAL

O QUE DISSERAM DE NÓS

Agradecemos a doação do rico acervo bibliográfico enviado, que será de grande utilidade para centenas de usuários e a nossa comunidade do Tororó.

PROF. ANTÔNIO CUNHA
SALVADOR/ BAHIA

Agradecemos, com muito prazer, o envio de Isto é Inconfidência.

SANDRA LÚCIA PINHO
BIBLIOTECA DO MUSEU IMPERIAL – PETRÓPOLIS

Concordo com Ângelo Oswald: “Criar uma saída de emergência é mais um ponto acertado na excelente administração do Museu”. O Inconfidência está salvo. Deus tarda, mas não falta. Ouro Preto está feliz, e nós também. Os Inconfidentes lhe enviam uma benção através das estrelas. Isto é Inconfidência me cativa. Muito bom, atraente e noticioso. Minha gratidão pela remessa constante.

MERCÊS MOREIRA
ESCRITORA - BELO HORIZONTE

Agradecemos o convite para a exposição “Vandico”. Parabéns pela iniciativa.

REGINA RAMOS
GERENTE DA CAIXA CULTURAL DO RIO DE JANEIRO

Agradecemos e cumprimentamos toda a equipe do Museu da Inconfidência pela belíssima revista Oficina do Inconfidência. Séria, comprometida e competente.

KÁTIA SANTOS BOGÉA
SUPERINTENDENTE DO IPHAN NO MARANHÃO

O Museu da Inconfidência está de parabéns. Fomos atendidos na visita com muita educação. Agradeço e desejo felicidades a todos os funcionários. Fico feliz por termos museus desta qualidade no Brasil.

MIRTES DE LIMA DITZEL
SÃO JOSÉ DOS PINHAIS – PARANÁ

Parabéns ao Museu da Inconfidência pela excelente oportunidade de aprendizagem de história brasileira. Os multimídias oferecidos aos visitantes nas salas de exposição complementam o conhecimento sobre as obras expostas.

MARIA GOBETH LUCAS
PROFESSORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Em nome de Mônica Xexéo, nossa diretora, agradeço o envio do Boletim Informativo nº 21. Importante, esse boletim, como órgão divulgador das ações do Inconfidência. Ele ficará à disposição do público em nossa biblioteca.

SHEILA SALEWSKI
CHEFE DE GABINETE DO MNBA

Adorei a reforma do Museu. Ficou à altura do que a cidade merece. As peças estão dispostas de forma fácil de se ver. Sugiro que o pátio interno abrigue eventos culturais.

SARA DENISE SCHAQUINICH

Agradeço pelo prazer e por tudo que aprendi no Museu, completamente diferente do que vi em minha visita anterior.

VANDA SOUZA PEREIRA
BELO HORIZONTE

Magro. Porém, o menos mau dos museus que visitei no Brasil.

ANDERSOM
PORTUGAL

Apaixonei pelo Museu da Inconfidência. Apaixonei!

CARLOS PERKTOLD
PSICANALISTA E CRÍTICO DE ARTE

Fiquei emocionadíssima com a nova exposição do Museu. Ela está maravilhosa.

HELENA MARIA AMARAL CAMPOS
ARTISTA PLÁSTICA

Sala Manoel da Costa Atbaide

Vandico – 22 de agosto a 21 de setembro

Exposição de pinturas de um cronista da cena ouropretana, Vanderlei Alexandre da Silva, o Vandico. Assim como no verso, na prosa e na música desse artista, as 22 telas reunidas na mostra revelam uma Ouro Preto filtrada por olhar cuidadoso e apaixonado. Fachadas do casario, vasos de flores, retratos de músicos e fiandeiras são temas dos quadros.

Eventos

VII Festival Ouropretano de Bandas 9 a 24 de agosto

Em agosto o Museu da Inconfidência promoveu a sétima edição do Festival Ouropretano de Bandas. Em três finais de semana apresentaram-se na Praça Tiradentes 16 corporações musicais de 10 municípios mineiros. A maior representatividade foi da cidade anfitriã, com seis bandas. As demais vieram de Barra Longa, Belo Horizonte, Caeté, Lamin, Mariana, Piranga, Prados, Santa Luzia, Santana dos Montes e São João Del Rei.

Realizado anualmente desde 2002, o Festival Ouropretano de Bandas nasceu do trabalho de catalogação do acervo das corporações musicais de Ouro Preto realizado pelo Setor de Musicologia do Inconfidência nas próprias sedes das organizações. O objetivo do Festival é a integração dos músicos no processo valorização das euterpes e do acervo delas, chamando a atenção para a importância desses grupos que, apesar de sobreviverem com dificuldades, estão sempre dando valiosa contribuição cultural aos municípios em que atuam.

O evento contou com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Ouro Preto, da Associação Comercial, Industrial e Agropecuária local, da Associação das Bandas de Música do Município e da Rádio Província FM.

I Seminário de Música do Museu da Inconfidência 21 a 23 de agosto

Paralelamente ao VII Festival Ouropretano de Bandas, aconteceu o I Seminário de Música. Para a discussão do tema "Bandas de Música no Brasil", foram convocados importantes pesquisadores do país que, em palestras, mesas redondas e comunicações, examinaram questões como a formação das corporações, a relação delas com as similares das polícias e forças armadas, sua inserção na comunidade, as tradições familiares que as perpassam, seus métodos de ensino e características regionais. Discutiu-se também a necessidade da implantação de políticas públicas e de apoio institucional para o setor.

Na abertura do Seminário, realizado no auditório do Museu, o maestro e compositor Ricardo Tacuchian ministrou a palestra "15 anos de atuação no movimento de bandas civis e escolares no Estado do Rio de Janeiro". No dia 22, oito pesquisadores apresentaram duas sessões de comunicação sobre os temas "Perspectivas teóricas sobre as bandas de sopro no Brasil" e "Bandas, educação musical e política cultural".

Na manhã de sábado, 23, a mesa redonda "Políticas de apoio às bandas de música", que contou com a participação de representantes da FUNARTE, da Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais e da Associação de Bandas de Música do Município, encerrou os trabalhos.

2ª Primavera dos Museus / Setembro - 2008 "Museus e o diálogo intercultural"

Uma reflexão sobre o papel dos museus frente ao diálogo intercultural, contribuindo para a promoção da paz, do pluralismo de idéias, do desenvolvimento urbano e do respeito às diferenças.

Dia 20 - sábado:

- De 9 às 17h. - Curso "Ervas Medicinais de Ouro Preto e a Cultura Popular".

Utilização e cuidados no uso das ervas medicinais, noções sobre coleta e secagem e interações com medicamentos.

Farmacêutica Eliana Camargo de Souza, diretora geral da ONG Serra do Trovão.

- 4h. Oficinas de Arte com alunos do ensino fundamental de Ouro Preto.

Conscientização da necessidade de preservação do nosso meio-ambiente.

Dia 21 - domingo:

- De 9 às 12h. Caminhada no Horto dos Contos, com entrada pela portaria da Rua Padre Rolim (próximo à rodoviária).

Conhecendo os espécimes vegetais e a memória do local - "Ponte do Xavier".

- 14h. Oficinas de Arte com alunos do ensino fundamental de Ouro Preto.

- Varal da Primavera - exposição dos trabalhos artísticos.

- 7h. Revoada de pombos das sacadas do Museu da Inconfidência, por alunos do ensino fundamental de Ouro Preto.

Dia 22 - segunda-feira:

- 19h30 - Exibição do filme *Mudanças do Clima - Mudanças de Vidas* Como o aquecimento global já afeta o Brasil - O GREENPEACE viajou por todo o país documentando os impactos das mudanças climáticas em diversas regiões. Documentário Greenpeace. cor. 51min. Comentários.

Dias 23 - terça-feira:

- 9h30 - Exibição do filme *Uma Verdade Inconveniente*

O ex-vice-presidente dos Estados Unidos Al Gore apresenta uma análise da questão do aquecimento global, mostrando os mitos e equívocos existentes em torno do tema e também possíveis saídas para que o planeta não passe por uma catástrofe climática nas próximas décadas.

Documentário - Ano de lançamento: 2006. Inglês, com legenda em Português. Cor. Comentários.

Dia 24 - quarta-feira:

- 10h e 14h. Oficina Lúdica: "Preservando a Memória, Respeitando Diferenças".

Dia 25 - quinta-feira:

- 13h. Caminhada no Horto dos Contos, com entrada pela portaria da Rua Padre Rolim.

"O que é o Horto dos Contos e qual a sua função", pelo Prefeito Municipal de Ouro Preto.

Plantio de mudas características do local, sob supervisão da Secretaria Municipal do Meio Ambiente.

Esquetes teatrais sobre a preservação do meio ambiente.

Dia 26 - sexta-feira:

- 16h - Museu da Inconfidência - Apresentação de peça teatral. *O Enterro de Tiradentes* - Cia. Máscaras e Caras

Dia 27 - sábado:

- 15h. Palestra "Câncer de Mama - Auto-Exame e Prevenções" Clube da Mama Feliz - Dra. Andréa Donato - Mastologista

Oficinas gratuitas - Período para inscrições: de 15 a 19 de setembro, pelos telefones: 3551.4977 e 3551.1121.

Capoeira

De raízes africanas e difundida em todo o mundo, a capoeira é o mais recente patrimônio cultural brasileiro. No dia 15 de julho, o Conselho Consultivo do IPHAN, em reunião realizada em Salvador, fez a sua inscrição no Livro de Registro dos Saberes. Foi a porta que se abriu para que essa manifestação cultural se torne foco de projetos e políticas públicas que incentivem as suas tradições e a sua prática.

Festival de Inverno

No mês de julho, a equipe do Museu da Inconfidência participou da oficina "Por trás da cena: conhecendo os bastidores dos museus de Ouro Preto", promovida pelo Festival de Inverno de Ouro Preto e Mariana - Fórum das Artes 2008, uma colaboração do Sistema de Museus de Ouro Preto. Três técnicos dos setores de Museologia e Conservação e Restauração ministraram a palestra "Políticas de Atuação do Laboratório de Conservação e Restauração e da Reserva Técnica: Conceitos e Práticas" para um público de 25 inscritos. Como complemento, houve uma visita técnica às dependências do Museu.

Fórum de Museus

Uma surpresa, que chamou a atenção, o grande porte alcançado pelo IV Fórum de Museus realizado em Florianópolis. Mais de mil e quinhentos profissionais, chegados de todos os estados brasileiros, estiveram reunidos no campus da Universidade Federal de Santa Catarina. Aconteceu, simultaneamente, uma reunião dos museus ibero-americanos. Se os cursos, conferências, palestras e comunicações não tivessem o resultado positivo que tiveram, a visibilidade alcançada para a área, e o conseqüente ganho político, já representariam vitória extraordinária.

Gilberto Gil

À frente do Ministério da Cultura desde 2003, Gilberto Gil deixou o comando da pasta para se dedicar à carreira artística. Assumiu o cargo o secretário executivo do MinC, Juca Ferreira. Entre as realizações dos cinco anos da administração de Gil, destacam-se as ações para a modernização dos museus brasileiros, que beneficiou notadamente, com reforma radical, o Inconfidência.

A instituição cresceu em importância e significação. Adotando padrões museográficos de nível internacional e concepção museológica inovadora, a fim de se ajustar rigorosamente à temática que inspirou a sua criação, ela vem sendo consagrada pelos que a visitam como um destaque dentro do país.

Horto dos Contos

Com a inauguração do Parque Horto dos Contos, Ouro Preto ganhou espaço privilegiado para o lazer de moradores e turistas, no coração do centro histórico. O Parque, construído em parceria com a Prefeitura e o programa Monumenta/Ipahan, possui área de 360 mil metros quadrados e se estende pelo vale situado entre a Matriz do Pilar e a Rodoviária. São 2 km de trilhas onde foram construídos mirantes, arenas para apresentações culturais e quadras esportivas. O projeto paisagístico integrou as construções à rica vegetação do local, o que garantiu a manutenção do aspecto visual do conjunto arquitetônico da região.

Inconfidência e Imaginário

"A Inconfidência Mineira e o Imaginário Popular" foi o tema de encontro realizado no auditório do Museu no último dia 29. Promovido pela Prefeitura e a Comissão Oupretana de Folclore, em parceria com o Inconfidência, o evento contou com a presença de membros da Comissão Mineira de Folclore. O presidente Carlos Felipe Horta ministrou a palestra "Inconfidência Mineira e Cultura Popular" e alunos da Escola Municipal Thomás Antônio Gonzaga, apresentaram peça teatral sobre o poeta e jurista inconfidente. Uma visita ao Museu, orientada pelo diretor, encerrou a programação.

Estágio

Em conseqüência de acordo de cooperação científica firmado pelo Ministério da Cultura com o governo do Paraguai, a restauradora Eva Zaldivar cumpriu estágio de quatro meses no Setor de Conservação e Restauração do Museu da Inconfidência.

Estudante de Artes Plásticas na Universidade Nacional de seu país, com formação em Restauração realizada no Instituto Superior de Belas Artes, Eva trabalha no Museu Bernardino Caballero. Muito satisfeita com a experiência, ela se encontra no Paraguai, já planejando retornar.

Revista

As iluminuras dos livros de compromissos das irmandades mineiras, o poema épico Vila Rica, de Cláudio Manoel da Costa, os escravos de propriedade dos inconfidentes e o papel de Ouro Preto na formação do conceito de patrimônio histórico nacional são temas abordados no quarto número da *Oficina do Inconfidência - revista de trabalho*, que acaba de ser lançado.

Criada em 1999, a publicação tem como foco a produção de pesquisadores baseada no acervo museológico, arquivístico e documental do Museu ou em tópicos relacionados ao universo da instituição criada em 1944, como restauração e patrimônio histórico.

Visita Ilustre

O Museu da Inconfidência, num dos últimos finais de semana, recebeu uma visita ilustre. Celso Amorim, ministro das relações exteriores, acompanhado da esposa e ciceroniado pelo prefeito Ângelo Oswaldo.

Na segunda-feira, um carro oficial parou na rua Direita. Era o ministro, que desejava se dirigir ao diretor: "Nota dez para o Inconfidência"!

Voluntariado

Está em fase de estudos a implantação do Programa de Voluntariado de Idosos no Museu da Inconfidência. Criado pelo Departamento de Museus e Centros Culturais do Ipahan, com apoio do Ministério da Previdência, o projeto objetiva a inclusão social e o reconhecimento dos idosos como transmissores de saberes, fazeres e memória, além de potenciais agentes de desenvolvimento da função social dos museus. A coordenação do Programa propõe o engajamento dos voluntários na realização de visitas guiadas, saraus culturais, apresentações musicais, seminários, sessões de contos e "causos" sobre a história da comunidade e no apoio às ações educativas. O voluntariado não tem o objetivo de resolver problemas do quadro funcional. Representa reforço de ações oferecidas por uma instituição e possibilita, aos candidatos aceitos, participarem da vida social ativa e ajudarem na construção de um país melhor para todos.